



PROVA DE AMOR I DONZÍLIA MARTINS

O dia clareou. Não acordou porque nem sequer adormecera, tal a ansiedade com que a hora magoava e retardava.

Uma chuva miudinha caindo ia temperando a alma. A esperança de que o sol abrisse, caía do céu às pinguinhas.

Levantara-se ansiosa. Havia que dar os últimos retoques: na toilette esmerada, porque as crianças merecem o mais belo, nas mãos de unhas pintadas porque os gestos também falam, no fato vermelho vivo porque o dia era de festa.

Festa! Festa, das crianças e do livro! Dia mundial do livro. Livro! Há lá prenda melhor do que falar às crianças dos livros? Mostrar-lhes onde tudo se esconde e diz, o maravilhoso e o fantástico que se guarda em cada página, adivinhar nas folhas em branco aquilo que elas querem ouvir e sonhar e que a sua imaginação tenta criar.

E a hora tardava a chegar ao coração.

Ainda não eram 9 horas e já o carro rolava na direcção do destino para as 10, distante poucas centenas de metros.

Parara na “sua” escola para deixar de oferta mais meia dúzia de exemplares para nesse dia serem sorteados pelas crianças, e assim despertar-lhes o gosto da descoberta, de entrar, folhear, abrir, olhar e cheirar as paredes da biblioteca.

O suor inundava-lhe a testa, mas valia a pena, o dia era de festa. Um lenço branco limpava as gotas que das fontes do rosto escorriam.

Chegada à Casa da Cultura, o palco iluminou-se com o técnico de luzes alugado para a ocasião porque os assistentes internos, um estava doente e outro de férias.

O animador atarefava-se com um sorriso apreensivo e preocupado com receio de que algo não corresse à altura dos seus desejos de verdadeiro profissional com um curso a sério tirado no Ballet Teatro do Porto.

As flores e a água esperavam o olhar e a sede em cima da mesa que um foco directo fazia brilhar.

E o coração dela continuava a saltar dentro do peito.

Parecia querer sair. Era a primeira vez que ia apresentar um livro infanto-juvenil às crianças “grandes” 2.º, 3.º, e 4.º anos de escolaridade, da sua terra adoptiva.

Aos infantis já falara e corra maravilhosamente bem. Para estes maiores, esmerara-se ainda mais, porque nestes sim, os livros como a vida desabrocham.

Passava das 9 e 30. Tudo a postos. O técnico afinava as luzes, os projectores, o teclado do computador para a projecção dos diapositivos, já abertos no grande écran.





Ela e o animador colocavam no palco todos os utensílios e material nos respectivos lugares. Ela transpirava. Ansiosa olhando a porta a ver quando as crianças e os outros convidados a iluminavam, a engalanavam e se acomodavam no salão ainda vazio que com tanto carinho os aguardava.

Passava das 9 e 30! Como o relógio é lento quando temos pressa!

De repente a responsável entrou com um ar apreensivo e disse: temos um grave problema. Por causa da chuva não vêm.

- O quê? Devem estar a brincar. Só pode ser uma brincadeira de mau gosto.

Ao mesmo tempo uma dor aguda como chama ardente queimou-lhe o peito.

E continuou: é por causa da chuva, dizem.

- Mas nem sequer está a chover...

Também lhes disse, e responderam: não chove, mas pode chover...

Só vêm se for de autocarro...

Um baque forte, uma espada de gume fino atravessou-lhe o coração. Isto deve ser a continuação do pesadelo que há dias a atormentou roubando-lhe o sono, pensou. Vamos voltar a telefonar... - disse ela.

Telefonaram. Estava longe, disse a empregada, não pode atender. Mas esperaram. E de lá a voz cortou o sonho.

Não vamos porque chove. As colegas não as posso obrigar a levar as crianças, se quiser venha cá.

Como posso carregar comigo todos estes sonhos de luz, som, arte e cor espalhados pelo palco?

Ai!... Não vamos por aí, se não, nem aqui vem, disse.

O coração disparou. Uma dor forte trespassou-lhe o peito. Todos se aproximaram. Ia caindo. Todo o sangue caiu aos pés, toda a mente baralhou, todo o sonho lindo ruiu.

Quem tem um coração pequeno é incapaz de sentir as coisas grandes. Ela sabe que se fosse um grande nome, poderiam chover espetos que todos iriam. Assim, que lhes poderia trazer ou levar uma colega igual a elas, armada em escritora?

- Que ela não conhecia os pais! Havia de os ouvir, se as crianças se molhassem...

Que pais não querem ver os filhos felizes?

Uma festa no exterior! Um dia diferente! Quem nunca sentiu a alegria das crianças a brincar à chuva, a chapinhar numa poça de água? Fraca pedagogia! Nula psicologia...

A 1.^a reacção: não vou - disse.





Depois, como que ressuscitada do cadafalso, recolhe todas as forças que não tinha e ergue-se para de novo viver.

Apanha o material: o serrote, a plaina, o enxó, os banquinhos, as cadeirinhas, as ovelhas que balem, as dores. Mete tudo nas cestas e de novo tudo carrega ao encontro da montanha. E lá vai Moisés...

Montanha de pedras soltas, ásperas, de silvas, de securas desérticas, de silêncios magoados, de olhares furtivos carregados de desencantos, ódios e misérias...

Não viu nada. Nem um oásis no meio do deserto, nem sequer uma gota de água a mitigar-lhe a grande sede que trazia.

Todos os sonhos dançavam num deserto sem amor. Os raios de sol entraram e pousaram como que por castigo em cima do écran para desfazer as imagens que a história do Zé Luís ia projectando e a luz apagava.

Só o lindo jardim de crianças em flor coalhavam o chão de mil cores e perfumes silvestres à espera de serem colhidas e amadas. Só elas lhe fizeram sair as palavras.

Um mar de lágrimas teimando em boiar, ofuscava-lhe o olhar, mas recalcou-as, pedindo ao coração que as calasse ou retivesse.

Os olhares lindos de todas aquelas rosas e lírios deram-lhe força para continuar. A dor física do peito era forte mas a da alma era ainda maior, contudo havia de vencê-las como já outra vezes havia feito. Chegou a casa e caiu. Tudo ruíra, tudo lhe faltara.

Tudo fora pesadelo em vez de sonho. Aquele dia, aquela hora mágica, havia-se desvanecido em desencanto numa irresponsabilidade, de ânimo leve, numa inconsciência, numa ignorância brutal e insensível pelo trabalho dos outros, numa afronta à causa comum de educar.

Como pode? Educadoras?...

Quando acordo? Sonâmbula, ainda no meio do pesadelo não consegue engolir qualquer alimento. Só tem sede daquela que mata. Apetecia-lhe gritar toda a revolta que abafava, apelar à missão sagrada que devia ser a de conduzir crianças... mas calou.

Ainda não era a hora de gritar.

Havia ainda a sessão da tarde. Os jornalistas amigos abalaram, os amigos que vieram do Porto de comboio também, os que meteram a falta para estar presente, idem... Alguns ouvindo a sua dor calada, voltaram para aquele abraço de solidariedade, que só alguns têm ou conhecem.

Há outros que não sabem o que isso é. Mais lhes valeria não terem nascido, dir-lhes-á o Mestre. Hão-de sentir o mesmo ranger de dentes, o mesmo grito abafado. Nem haveria justiça se tal não acontecesse.



De tarde, no meio da solidão, de gente, o seu olhar pousou na porta da entrada. Ele entrou. Aquele olhar, aquele abraço, aquele silêncio, aquela presença, aquela força, aquele estou aqui, não tenhas medo, aquela mão a segurar a dela, aquele peito aberto onde sabia que poderia chorar, aquela sombra cheia de luz e calor, aquele paraíso estendido, aquele orvalho a mitigar-lhe a sede, foram a maior prova de amor.

Valeu a pena tanta dor. Só passados 5 dias conseguiu abrir as comportas da fonte onde retivera os gritos.

E, então, as lágrimas livremente correram.

Paredes, 28/04/08

